

ALDEIAS SOS: UM ESTUDO SOBRE EGRESSOS

Heloísa Sabback de Carvalho¹
Ana Maria Almeida Carvalho²

RESUMO: *Este trabalho teve como objetivo investigar o percurso de vida de Ex-Aldeanos, desde o momento em que entraram na Aldeia até os dias atuais. Dos relatos foram identificados temas centrais, fundamentados na discussão pela Teoria de Apego de John Bowlby e Idéia de Vinculação de Jacob Moreno. Os resultados são apresentados em termos de um histórico resumido dos entrevistados, seguido de uma análise dos temas que emergiram das entrevistas, fundamentados pela literatura. As reflexões feitas sobre a Aldeia enquanto contexto de desenvolvimento indicam vantagens e limitações, e apontam questões em aberto para pesquisas futuras.*

Palavras-chave: Aldeias SOS; Crianças abandonadas; Vínculo

Este trabalho focaliza egressos de uma instituição de atendimento para crianças órfãs ou abandonadas e que foram excluídas do processo de adoção. A *Aldeia SOS* é uma extensão da *SOS-Kinderdorf International*, associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, sediada em Innsbruck – Áustria, cujo objetivo é a assistência e o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de risco social.

A *Aldeia SOS-Ba* é um conjunto habitacional, formado por até 12 casas-lares independentes; cada casa é habitada por uma família SOS, formada por uma Mãe Social com sete a dez crianças de várias idades e de ambos os sexos. Há ainda as mães substitutas, chamadas Tias-Mães Sociais em treinamento, que também têm uma casa para se alojarem. Faz parte do programa de treinamento essas “Tias” substituírem as Mães Sociais nas folgas, em casos de doenças, desistências ou aposentadorias. A Aldeia é coordenada por um dirigente – que pode ocupar também a função de pai social - Pai Simbólico -, figura normativa e responsável legal.

A filosofia das Aldeias é baseada na “pedagogia do afeto”, em que carinho e cuidado são as condições básicas para o estabelecimento de relações sadias, maternas, fraternas e com a comunidade, possibilitando o desenvolvimento de um ser humano mais integrado. Com essas premissas são selecionados todos os funcionários a serem contratados pelas aldeias.

O trabalho educacional das *Aldeias SOS* é norteado por quatro princípios básicos concebidos pelo seu fundador Hermann Gmeiner: (1) A Aldeia como comunidade; (2) A casa-lar; (3) A “mãe-social”; (4) Relação com os “irmãos”.

Este trabalho teve como objetivo investigar o percurso de vida de Ex-Aldeanos, desde o momento em que entraram na Aldeia até os dias atuais. Visando uma análise qualitativa, foram realizadas entrevistas com seis sujeitos (três homens e três mulheres), possíveis de serem contatados a partir de uma lista fornecida pela instituição, e complementada com indicações de pessoas relacionadas com a Aldeia. Dos relatos foram identificados temas centrais – Vínculo, Separação e Perda, Abandono e Superação - fundamentados na discussão pela Teoria de Apego de John Bowlby e Idéia de Vinculação de Jacob Moreno. Nesta apresentação resumimos os resultados principais das entrevistas, organizados segundo esses temas, e com base nesses

¹ Mestranda do programa em Família na Sociedade Contemporânea – Universidade Católica do Salvador - UCSal, hsaback@uol.com.br.

² Orientadora – Professora Doutora do Mestrado em família na Sociedade Contemporânea da UCSal.

referenciais teóricos. Por fim é feita uma breve reflexão sobre a Aldeia enquanto contexto de desenvolvimento, suas vantagens e limitações.

VÍNCULO

Um dos eventos mais constantes nas histórias desses sujeitos é a necessidade de construção de vínculos. Para quatro sujeitos, o rompimento com a família de origem se deu na base, logo no início da vida, antes que qualquer relação pudesse ser construída; em dois casos, deu-se em uma fase em que, teoricamente, já poderia haver apego com a mãe ou cuidador, configurando um processo de separação/ perda.

As histórias desses sujeitos percorrem outros caminhos de separações e perdas. No caso dos Sujeitos 1 e 4, irmãos gêmeos, o abandono se dá logo nos primeiros meses de vida, e em torno dos dois anos ocorre uma mudança de instituição. Com o Sujeito 6 aconteceu o mesmo com uma passagem a mais: ficou, juntamente com um irmão, por um tempo em outro lar, depois foram entregues ao Juizado de Menores que os encaminha para uma primeira instituição, sendo posteriormente entregues à Aldeia. Os Sujeitos 2 e 5 foram também separados de suas mães e familiares muito novinhos, mas vão diretamente para a Aldeia. O Sujeito 3, abandonado no ônibus por sua mãe, com idade aproximada de três anos, também foi logo encaminhado para a Aldeia pelo Juizado de Menores.

Já na Aldeia, ainda na seqüência dos vínculos maternos, vão passar por outras constituições vinculares. Os Sujeitos 1 e 4 passaram por duas mães, enquanto outros chegaram a passar por 3, 5, 10 e até 12 mães sociais. No caso dos Sujeitos 2 e 5, além da grande quantidade de mães, com idades de dez e nove anos, respectivamente, tiveram que fazer vínculos com novos irmãos ao terem sua casa desmembrada (inicialmente moravam na mesma casa).

No momento que foram integrados em um dos lares, tiveram que desenvolver vínculos com as crianças que já habitavam na casa. Ao longo do tempo novos vínculos precisaram ser construídos com outros novos irmãos. À medida que os mais velhos foram entrando na faixa dos quatorze anos aos dezesseis anos, foram saindo da Aldeia, indo para Casa de Jovens, abrindo assim vagas para a entrada de novas crianças, fenômeno que deve ter acontecido muitas vezes ao longo do tempo que permaneceram na Aldeia.

Quando vão para a Casa de Jovens, por volta dos catorze anos de idade, novos vínculos com irmãos vão ser construídos, ou no mínimo reformulados. Todos eles já tinham algum tipo de convivência dentro da Aldeia, possivelmente alguns até na mesma casa, já que não existe uma idade única para ser encaminhado para essa nova vivência. Além dos novos irmãos, esse espaço era administrado por uma pessoa absolutamente nova para eles todos, o que configura um novo vínculo com um cuidador. Também nesse período, começaram a frequentar novos espaços e construir novas relações, a expandir seus contextos existenciais. Começam a tomar cursos profissionalizantes, a fazer estágios e a conviver de forma mais intensa com redes sociais configuradas por pessoas fora da Aldeia.

Por fim saem da Aldeia, vão para lugares variados, se mudam inúmeras vezes. Alguns deles inicialmente vão morar juntos de outros irmãos, depois se separam. Novos contextos são experimentados, trazendo uma transformação para suas redes de relações. No caso do Sujeito 2, há a possibilidade de retomada do vínculo com sua família de origem, o que o deixou muito feliz *“minha vontade que eu tenho era de minha mãe, talvez incutidamente sem eu perceber ou era afetiva mesmo a necessidade de carência afetiva”*, foi algo que ele procurou: *“busquei minha família de origem para saber de minha história como foi que eu vim parar aqui porque sempre era uma coisa que me tocava muito sempre, tive essa curiosidade de saber”*.

Como podemos ver nos históricos desses sujeitos, apesar de alguns deles passarem por situações semelhantes e compartilharem um contexto muito próximo, portanto com estímulos parecidos, ainda assim há uma variedade de meios para chegar ao mesmo fim. Para Bowlby, o vínculo para a espécie humana é um sistema adaptativo, onde o comportamento de apego gerado da relação diádica vai possibilitar a interação da criança com o mundo (CARVALHO et al, 2007). No entanto, como o comportamento é dirigido para metas, quando ocorrem mudanças no ambiente, a criança é capaz de redirecionar sua ação para alcançar o objetivo necessário (BOWLBY, 2004, p.39).

Como a mudança de mãe é um fenômeno sentido com certa constância no universo da Aldeia, seja vivido na própria casa ou na casa do vizinho ao lado, o vínculo mais constante se dá entre os irmãos. Em todos os relatos, a relação com os irmãos sempre é citada como tendo sido boa, constante e mantida até os dias de hoje. No entanto, vínculos com adultos também são relatados: todos os entrevistados mencionam uma figura de referência, em quatro casos a última mãe, em dois uma tia; dois mencionam uma ou até duas figuras paternas. O formato familiar da Aldeia parece, portanto, proporcionar a possibilidade de vinculação, ainda que com certa instabilidade; durante sua vida na Aldeia, os sujeitos tinham uma rede de relações interpessoais.

Segundo Moreno, *“o bebê vincula sua energia espontânea ao novo meio, através de arranques físicos, do processo de aquecimento...não teria êxito nesse esforço se não acudissem os dispositivos de arranques mentais dos egos auxiliares- mães, parteiras, amas - ...cuidando dele e alimentando-o”* (1978, p.105). Os vínculos que vão se formando entre ele, sua mãe, seu pai, irmãos e outras pessoas ao longo do tempo, darão à criança as condições necessárias para se constituir no futuro, quando adulto autônomo, sujeito de uma cultura. O que vai possibilitar a formação desses vínculos é a afetividade, sentimento que irá garantir a geração, manutenção, transformação dos comportamentos de cuidado, proteção e transmissão de conhecimento do contexto que o cerca (MORENO 1978).

Para Moreno, é a partir do desempenho dos papéis sociais iniciais - filho, irmão, neto, sobrinho - que a criança terá seus sinais traduzidos e captados, podendo ser assim atendidas suas necessidades e desejos. Esses Egos – Auxiliares desempenham contra-papéis, identificando e traduzindo os sinais da criança e atendendo-a. *“A relação mãe-filho é uma dupla relação, envolve mais uma ação cooperativada do que padrões de comportamento individual separados entre si”* (Moreno.1978, p.109 e 110).

Moreno (1978) afirmaria que, no caso desses sujeitos, os egos - auxiliares mais constantes, que funcionam como extensão da criança na maior parte do tempo, vão ser os irmãos, que foram ao longo do tempo dando mais espaço para atuação da criança, permitindo gradualmente maior independência até o momento em que este fosse capaz de desempenhar sozinho o seu papel. O que ocorreu a partir desse momento? Segundo Moreno, a Espontaneidade nos dá a capacidade de tornar novos, frescos e flexíveis todos os fenômenos psíquicos: *“Uma mudança na situação exige uma adaptação plástica do indivíduo a ela”* (Idem, p.153).

SEPARAÇÃO E PERDA

O sentido usado aqui para **Separação** é o de afastamento temporário e de **Perda** é afastamento permanente.

No modelo institucional da Aldeia não existe na casa a figura do “pai”. Alguns deles acabam tendo essa função ocupada por algum funcionário da Aldeia, mas nenhum comentário significativo é feito sobre a **separação** ou **perda** dessa figura em suas vidas, nem mesmo de outras figuras que foram significativas durante o período em que permaneceram na Instituição.

Como vimos no tema anterior, muitas vezes esses sujeitos tiveram que construir novos vínculos. Esse fato se deu, não só porque novas pessoas estavam sendo agregadas às suas existências, mas principalmente pela perda de alguém que ocupava um lugar e o deixou vago.

Podemos falar de **separação** nos momentos em que suas “mães” saíam nas quarenta e oito horas de folga, nos seus períodos de férias e/ou licença, quando estas se afastavam temporariamente e retornavam depois. Dessa separação, não tenho nenhum relato que explicita os possíveis impactos sentidos nesses períodos, uma vez que não houve nenhum direcionamento para investigação de fenômenos específicos, e sim uma visão de cada sujeito sobre o seu processo de vida na Aldeia e suas experiências pós-Aldeia até os momentos atuais.

Na relação com irmãos, a vivência narrada só faz referência a **Separação**, seja porque foram para Casa de Jovens ou mesmo saíram da Aldeia, mas, segundo os relatos, o contato nunca é completamente perdido: Sujeito 1 - continua tendo contato com muitos irmãos da aldeia, alguns moram perto, são tidos como irmãos de verdade; Sujeito 2 - amigos são mesmo os que fez na aldeia, principalmente os irmãos; Sujeito 3 - mantém contato freqüente e íntimo, visita sempre os irmãos e é visitado por todos, considera esses os seus verdadeiros amigos; Sujeito 4 - o contato com os irmãos é freqüente, sempre se falam e se vêem: “*hoje ajudo a ‘tia’ a cuidar dos que ficaram e dos novos*”; Sujeito 5 - o contato com os irmãos só acontece quando se encontram na Aldeia ou pela rua, de vez em quando, mais por telefone: “*a gente se bate, cada um cuida de sua vida. Logo quando sai cheguei a morar com alguns deles, mas depois cada um foi para um lado, o lema de quem sai da Aldeia é, cada um por si Deus por todos*”; Sujeito 6: tem estreito e constante contato com os irmãos.

Bowlby (2004a, p.19) cita, como fatores atenuantes para a necessidade de separação: “*condições que, segundo se sabe, diminuem a intensidade das reações das crianças separadas de suas mães: - presença de uma pessoa conhecida e/ou objetos familiares; - os cuidados maternos de uma mãe substituta*”. São citadas situações onde se constatou a redução de sofrimento de crianças nos primeiros dias da creche quando em companhia de um irmão.

Era esse o caso desses sujeitos: na mudança de mãe, não acontecia nenhuma outra mudança no contexto onde eles ficavam. A casa era a mesma, os objetos eram os mesmos, além dos irmãos que permaneciam no mesmo ambiente. No caso da separação das mães, a variável nova era uma “tia” que funcionaria como “mãe substituta”. Em geral, essa “tia” já era uma pessoa conhecida, que na fase de treinamento já passara algum período na casa em presença da mãe social. Já na separação dos irmãos que saíam, a maior parte da rede de vínculos permanecia, todos os outros irmãos, a “mãe”, a casa e a rotina. Provavelmente estes aspectos diminuía muito os níveis de ansiedade de todos, sem contar que a freqüência desses eventos pode ter acabado por naturalizar essa dinâmica de separação temporária, algo a ser sempre esperado nesse contexto.

Dos impactos que são descritos pela *Teoria do Apego*, podemos reconhecer neste trabalho quando ocorre a separação dos irmãos, citada pelo Sujeito 2. Nessa família, tudo indica que os comportamentos de apego eram direcionados mais fortemente para os irmãos, figuras mais constantes e sempre próximas. No contexto da Aldeia, essa é uma característica presente na dinâmica de todas as casas, a forte relação entre irmãos; mesmo quando não ocorre sucessiva troca de mães, o vínculo entre eles consegue ser mantido mesmo após a separação.

Para Moreno, mesmo existindo o papel de mãe, e esta tendo uma importância fundamental na primeira fase de Matriz, não vai ser isso que definirá o sentimento que é despertado com o seu afastamento. Ainda em fases iniciais do desenvolvimento do bebê, especialmente no contexto da Aldeia, muitas outras pessoas dividem com a “mãe” o papel de cuidador. Partindo do mais adulto teremos a “tia”, que como vimos não é uma estranha da casa,

em seguida temos os irmãos que, pelo acúmulo de tarefas que têm essas “mães”, parecem ficar mais unidos e dependendo um dos outros.

Para Moreno, o que vai constituir a função que cada um desempenha são as trocas realizadas. Nesse contexto, de forma diferenciada em cada casa, poderemos encontrar irmãos dividindo o papel de cuidador, por vezes com mais frequência que a própria “mãe”. Todos os afazeres domésticos ficam por conta de todos, de acordo com a idade e habilidade. Sendo assim, em vez de uma figura de apego eleita como a mais importante, a criança teria algumas figuras de apego, constitutivas do seu átomo social.

Com relação ao tema **perdas**, aparece somente no momento em que falam da quantidade de “mães” que tiveram, presente em todos os relatos.

Uma **perda** que é comentada pelo sujeito 4 se dá quando tinha dois anos de idade e é transferida da instituição onde estava para a Aldeia. Essa avaliação não ocorre só em função de vínculos rompidos, mas porque hoje percebe que a primeira instituição teria dado maior apoio no processo de saída.

Outra experiência de **perda** bastante sentida por esses sujeitos vai se dar na hora em que saem da Aldeia. Esse fenômeno vai ser apresentado associado à idéia de Abandono, próximo tema apresentado nesse trabalho.

Podemos reconhecer, em alguns sujeitos, a utilização do mecanismo e a configuração de um certo padrão de conduta a partir do processo de **separação e perdas**. No sujeito 2, apesar dos sentimentos de tristeza e ansiedade desencadeados, este fenômeno acabou por prepará-lo melhor para a vida, para perdas futuras, especialmente para a pior delas, a separação do irmão; o sujeito 3 perde a primeira mãe aos três anos de idade, se reconhece como “carente”, precisando se sentir olhado: “*queria tudo para mim, como não tinha pintava para chamar atenção*”, escolhe uma “mulher-mãe”, e chega a afirmar que se sente protegido pela família que montou, o que é uma inversão do papel “estabelecido” pela sociedade - de pai marido e provedor passa a filho e dependente. O sujeito 4, marcada por substituições, tanto da instituição, como da mãe, que não a satisfizeram, segue ao longo da vida adotando novas mães. De todos esses sujeitos, essa sente mais profundamente sua ida para casa de jovens; mais do que uma separação, para ela foi uma perda de uma condição de proximidade e cuidados que tem muita dificuldade em superar. Morou durante oito anos com uma outra mãe da Aldeia, e hoje recebe casa e ajuda da mãe que cuida atualmente da casa em que morou. Sua procura só parou agora, com essa última mãe social, que acabou por adotá-la, oferecendo moradia e facilitando para que freqüente sua casa na Aldeia e possa ajudá-la na criação dos irmãos que ainda ficaram e dos novos que entraram. O sujeito 5 torna-se desapegado de quase todos, inclusive rejeita sua lembranças, não gosta de falar sobre elas. Não lembra de nenhuma mulher que tenha ocupado o lugar de mãe, embora lembre de uma tia que a ajudou com diálogos e apoio emocional, mas não fala dela hoje. Dos irmãos fala que cada um leva sua vida, da Aldeia traz ressentimento. Ficaram poucos amigos do período da Aldeia; o sujeito 6 apresenta uma capacidade de racionalização muito precoce, passa a ter a noção clara da mãe como funcionária, da Aldeia como instituição, do casamento como algo que a ajudaria a sobreviver e das lições que pretende dar à filha. Vale ressaltar que tudo isso é feito com muita afetividade, em nenhum momento se mostra indiferente ou pouco afetiva com os vínculos que mantém e que ainda quer desenvolver.

ABANDONO

Mesmo todos os sujeitos tendo vivido histórias originadas pelo abandono, essa palavra só ganhou força para a maioria deles depois de certa idade, quando tomam conhecimento dessas

histórias. Para quase todos, senão todos, isso só veio a ocorrer quando saíram da Aldeia, associando o abandono que sentiram da instituição com relação a eles com o primeiro abandono feito pelas suas famílias de origem.

A saída da Aldeia é “*um baque*”, é “*terrível*”, os sujeitos se sentem desamparados e assustados com a perspectiva de passar fome e não ter onde morar. Sentem que não estavam preparados para essa transição, por terem vivido até então em um ambiente protegido e relativamente isolado do mundo exterior: “*é como se fôssemos abandonados pela segunda vez*”..

O significado simbólico atribuído como tendo sido de “abandono” familiar, muito provavelmente, ganha força afetiva quando sentem os “baques” ao saírem da Aldeia. Quando se deparam com a realidade da vida sem mais contarem com a estrutura em que até então viviam, fazem uma associação de suas histórias, chegando a nomearem de “um segundo abandono”.

Apesar de alguns deles terem se dado conta muito precocemente de que não estavam no meio de seus familiares e alguns afirmem ter entrado então em contato com a sensação de abandono, sob a forma de medo, ansiedade, angústia, só ficam claras as evidências de tais eventos no momento em que saem da Aldeia, quando sentem, de forma consciente, os problemas encontrados, não tendo como negar ou esconder que agora depende deles enfrentar e superar as dificuldades.

Uma compreensão para isso pode ser buscada em Bowlby (2004b), nas definições que faz dos sentimentos e reações experimentadas no processo de luto. Só quando saem da Aldeia reconhecem as diferenças entre a vida que levavam e as condições que passam a ter. Delineiam-se as situações de medo real, perda de uma condição de vida, que, segundo os relatos, eram de proteção, segurança e cuidado. Quando saem, na maioria dos casos, ainda não está desenvolvida uma autonomia que lhes possibilite sobreviver sem o apoio e a estabilidade que tinham. O sentimento que vai ser gerado é de luto pela perda de toda uma situação que lhes dava a sensação de proteção e que até então possibilitou sua sobrevivência.

Moreno (1978) vai explicar isso pela teoria de papéis e as redes sociométricas montadas, gerando um novo átomo social em cada novo processo de vida. Para que um novo papel seja criado, é preciso que se passe por três etapas: reconhecimento do papel, imitação e criação dentro do desempenho no papel. Até que isso aconteça, o ser humano precisa de ajuda, apoio necessário que deverá ser dado por egos-auxiliares presentes na matriz de identidade.

A construção de um novo papel trará um aglomerado de pessoas que estarão no meio circulante em torno dessa nova atividade. Ao serem identificadas, estarão sendo estabelecidos vínculos com a pessoa, formando um novo átomo social, que servirá de apoio na construção e solidificação do novo papel, configurando uma nova matriz. Fixado o novo papel, sua rede de relações mais ampla também sofre modificações estruturais. Novos elos vão sendo construídos com os outros átomos já existentes, e construindo uma nova rede de relações.

O que aconteceu com esses sujeitos foi uma passagem do reconhecimento para o desempenho de forma brusca, rompendo com o átomo social anterior sem que um novo estivesse montado para apoiar essa transição, e assim formar uma nova matriz, a profissional, por exemplo. Com isso, tiveram que se submeter a toda sorte de experiências, vivendo em condições precárias e com relações adoecidas, até que pudessem construir, com a ajuda que encontraram, seus novos caminhos.

SUPERAÇÃO

As estratégias de superação são variadas: alguns sujeitos recebem (e aceitam) ajuda das “mães” ou “tias” até conseguirem uma forma de sobrevivência; entre esses, alguns se associam a

“irmãos” para alugar uma moradia. O sujeito 2 reencontra sua família biológica e se aproxima dela. Alguns se casam e já têm filhos, seus ou adotados. Uma tônica no discurso de todos os sujeitos é que *“minha filha não vai passar por isso.”* Uma outra é o sonho de construir uma casa (em dois casos, sonho já realizado).

Todos os sujeitos relatam projetos de vida e sonhos: continuar a estudar, casar e constituir família, ter uma casa. Vários ainda lutam com a dificuldade de se estabilizar em termos de emprego. Apesar de todas as dificuldades, estes sujeitos conseguiram realizar alguns de seus projetos, e não perderam a capacidade de construir novos, ou mesmo não desistiram dos que ainda não concretizaram.

Apesar da saída traumática, todos reconhecem sua passagem pela Aldeia como sendo fundamental em suas vidas. A grande maioria conserva boas lembranças e mantém os vínculos com as pessoas mais significativas de suas trajetórias. Vale lembrar que entre os irmãos, segundo seus relatos, o vínculo ainda é sentido da mesma maneira, como se fossem irmãos de sangue. Com as mães não acontece o mesmo; apenas três deles mantêm esse contato de forma sólida, sujeitos 1, 3 e 6, os sujeitos 2 e 4 mantêm com pessoas que foram significativas, e o sujeito 5 mais com os irmãos.

Bowlby (2004b, p. 56) apresenta as idéias de Mandler, mostrando o uso da Consciência, “estado de estruturas mentais que facilita muito a ocorrência de certos tipos distintos de processamento”, sendo útil para o sujeito na hora de estar organizando as experiências vividas, ajudando na reconstrução, redirecionamento e readaptações necessárias a partir do foco dado pelo sujeito. Com isso podemos entender de que forma esses sujeitos puderam ir se reorganizando a partir das necessidades apresentadas no contexto e modificando sistemas automatizados. Chama a isso redirecionamento de rumo frente aos fatos concretos da vida. Esse tipo de ação poderia ser chamado de escolha, que só leva a resultados desejados quando feitos pela consciência, a partir de análise ampliada das situações e das possibilidades existentes. Foi o que esses sujeitos tiveram que fazer ao se depararem com sua saída da Aldeia.

Moreno (1978), que desenvolve sua teoria baseada nos papéis que desempenhamos na vida, traz a idéia dinâmica de uma forma de estar no mundo. O conceito de papel traz na sua definição uma distinção entre a identidade psíquica, um complexo de comportamentos, e o potencial do sujeito em escolher alternativas, o que muda fundamentalmente a idéia de “sou assim”, para “estou assim”, abrindo a possibilidade da pessoa ser criativa, reavaliar comportamentos e desenvolver novas formas de “estar no mundo” (BLATNER & BLATNER, 1996, p.110).

Os papéis permitem tamanha reformulação que, em partes ou em seu todo, podem ser perdidos, tirados e até abandonados. O significado simbólico dado ao seu desempenho pode ser resignificado a qualquer momento da vida desde que exista uma necessidade real de transformação e expansão. Muitas vezes o próprio desenrolar dos fatos leva a isso. As mudanças com que estes sujeitos foram obrigados a se deparar fizeram com que aquilo que Moreno chama de Espontaneidade fosse resgatado, permitindo que cada um deles, a seu modo, dentro do que encontraram, fosse dando respostas que até então não tinham sido exigidas deles, para conseguir sobreviver às novas condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou que está muito longe da perfeição o tipo de contexto de desenvolvimento que esta instituição se propõe a oferecer, e os resultados que espera obter até o momento de liberação desses sujeitos. Apesar disso acredito que os resultados devem ser de

melhor qualidade que os das instituições tradicionais de orfanato. A estabilidade oferecida – se não em termos de figuras maternas, pelo menos de irmãos e de *casas* – parece ter permitido processos de vinculação que, de alguma maneira, contribuem para constituir a identidade desses sujeitos e lhes dar – pelo menos a alguns deles – possibilidades de novas vinculações. É interessante notar também que, com exceção do sujeito 5, os relatos sobre a infância são positivos e prazerosos. As experiências mais traumáticas se referem ao conhecimento da própria história e ao sentimento de abandono após a saída da instituição: “*o segundo abandono*”.

REFERÊNCIAS

BLATNER & BLATNER. **Uma Visão Global do Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1996.

BOWLBY, J. **Separação: Angústia e Raiva**. Volume 2 da Trilogia Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. 4ª edição. 515p.

BOWLBY, J. **Perda: Tristeza e Depressão**. Volume 3 da Trilogia Apego e Perda. São Paulo, Martins Fontes, 2004b. 3ª. edição. 536 p.

FONSECA, J F. - Diagnóstico da Personalidade e Distúrbios de Identidade - em **Revista Brasileira de Psicodrama**, vol.3, Fascículo 1, 1995.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1978. 492p.